

DOSSIÊ

LITERATURA E ECOLOGIA: VOZES FEMINISTAS E INTERSECCIONAIS

LITERATURE AND ECOLOGY: FEMINIST AND INTERSECTIONAL VOICES

[...] em que matas margens de rios/ vivem agora as Amazonas?/ em que pouso ou fortaleza / se ocultaram/ as destemidas guerreiras// nós vamos buscando seus rastros/ protetoras dos deuses das matas/ defensoras das deusas dos rios[...]

Helena Parente Cunha

se você vê beleza aqui/ não significa/ que há beleza em mim/ significa que há beleza enraizada/ tão fundo em você/ que é impossível não ver/ beleza em tudo

rupi kaur

2 'LITERATURA E ECOLOGIA: VOZES FEMINISTAS E INTERSECCIONAIS' é o tema deste dossiê da Revista *Ártemis* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Sua proposta faz parte de um desejo e de uma vontade que hoje se realizam: buscar a divulgação cada vez mais ampla do contexto das pesquisas relacionadas ao campo dos estudos da ecologia, especialmente voltados para os estudos literários, mas não excludentes de outras áreas de campos inter(multi/trans)disciplinares. Esse é um dos aprendizados que a ecocrítica e, particularmente, o feminismo, em suas muitas vertentes de estudo, nos ensinam. Nenhum saber é dominante e o contexto ecológico nos mostra na prática que tudo está interligado na natureza.¹ E se assim o é, a natureza é campo fértil para a plantação crítica de ideias que sendo disseminadas, como neste dossiê, servirão de abertura para novos estudos e pesquisas pelo país afora.

Assim, começo por agradecer às editoras da Revista *Ártemis*, professoras doutoras Luciana Deplagne, Liane Schneider e Loreley Garcia, que acataram de imediato a proposta deste dossiê. Essa abertura para o campo da ecocrítica feminista (termo de uso intercambiado com ecofeminismo²) tem uma relevância imensa para quem já vem atuando nessa seara de pesquisa. No meu caso especificamente, há pelo menos quase duas décadas, publiquei "Ecofeminismo e Literatura: novas fronteiras críticas", no livro *Refazendo nós – ensaios sobre mulher e literatura* (2003), que organizei juntamente com Zahidé Muzart (*in memoriam*), ensaio oriundo de

¹ Cf. Rueckert (1996).

² Cf. Gaard (2010, 2017); Gaard & Opperman (2013).

Izabel F. O. Brandão

Universidade Federal de Alagoas e CNPq. Email: Ifob.izabel@gmail.com

uma pesquisa inicial sobre este campo de estudos.³ De lá para cá estive envolvida em vários outros projetos nessa área, sendo que o último e mais recente intitula-se “Literatura e Ecologia: Diálogos e intersecções da (eco)crítica feminista em obras de autoras contemporâneas”, com financiamento do CNPq.⁴ Desse projeto, vinculado aos trabalhos do diretório de pesquisa Mare&sal – Estudos e Pesquisas Interdisciplinares, grupo que coordeno na Universidade Federal de Alagoas, junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Letras (PPGLL), desde 1997, foi possível, realizar vários trabalhos (orientação de mestrands e doutorands, de disciplinas e estudos no grupo) e publicar, pela EDUFAL, em 2019, o livro *Literatura e ecologia: trilhando novos caminhos críticos*, em colaboração com a colega Laurenny Lourenço, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O livro conta com trabalhos de pesquisa que adotam o campo crítico da ecocrítica e do ecofeminismo, mostrando o alcance desses estudos na pesquisa literária.

Este dossiê tem uma característica bastante especial, que é a abertura para interfaces com outras áreas. Em sua proposta, o alcance esperado vislumbrava artigos que tratassem a questão ambiental interseccionalmente em razão do contexto sempre político da voz feminista, defensora incansável das interfaces que a perspectiva permite. Assim sendo, sua abertura pôde acatar artigos relativos à prosa e à poesia, permitindo ainda o diálogo com outras áreas. E nesse sentido, os artigos submetidos e aceitos para a publicação no dossiê problematizam como a questão ambiental é tratada em vários campos de convivência humana a partir da produção literária (termo utilizado de forma inclusiva) de autorxs, organizando a temática de forma aberta a questões variadas conforme surgem nas escolhas do objeto estudado, como veremos a partir da descrição dos temas estudados aqui.

Mas antes de passar a essa informação necessária sobre a temática abordada pelos artigos, cabe ainda esclarecer uma questão central observada a partir do resultado das submissões dos artigos, que é sobre o alcance do termo “ecofeminismo”, ainda hoje uma fonte de polêmicas incompreensões.

Entendo essa necessidade de esclarecimento pela complexidade do termo, que é geradora de muitas incompreensões e entendimentos dispersos que acabam por levar possíveis leitorxs a se afastarem do contexto crítico ecofeminista por julgarem que ele basicamente é essencialista. Essa compreensão tem levado a um afastamento das questões ecológicas por muitas feministas. Gaard (2017:784), em um artigo esclarecedor sobre o assunto, fala que o uso conceitual de ecofeminismo pode ser intercambiado com ecocrítica feminista, conforme apontei anteriormente.⁵ Para a pesquisadora, o ecofeminismo tem sido mal representado teoricamente devido à perspectiva essencialista, algo que de fato ocorreu, em tempos mais iniciais das

3 O capítulo foi reeditado no livro *Problemas de gênero*, organizado por Carla Rodrigues, Luciana Borges e Tânia Regina Oliveira Ramos, em 2015, pela Funarte.

4 Bolsa de produtividade.

5 O artigo de Gaard é de 2010 e foi publicado na antologia *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*, organizado por Brandão et al (2017). Ver referências para a informação completa sobre o artigo.

relações entre feminismo e ecologia. Essa percepção de ecofeminismo vem do que pode ser associado às chamadas mães ancestrais do contexto ecofeminista (ou ecocrítico feminista) atual. Há, portanto, de acordo com a pesquisadora, a necessidade de sua reabilitação. Por ora, interessa esclarecer o uso intercambiado de ecofeminismo e ecocrítica feminista. O argumento de Gaard (2017:784, nota) é o seguinte:

Uso os termos “crítica literária ecofeminista” e “ecocrítica feminista” de maneira intercambiada, uma vez que detalhar as nuances das distinções entre essas perspectivas será tema de futuro artigo.⁶ As duas abordagens têm histórias duradouras no interior da ecocrítica. A má representação do ecofeminismo como tendo uma perspectiva exclusivamente essencialista e a subsequente dificuldade de reabilitar um termo incorreto tem afastado novas feministas acadêmicas do ecofeminismo e levado muitas escritoras que já foram ecofeministas a fugir desta autodescrição e a desenvolver seu raciocínio dentro de arcabouços teóricos como o da justiça ambiental (cf., por exemplo, Stein, 2004; Sturgeon, 2009), ecocrítica *queer* (cf., por exemplo, Mortimer-Sandilands; Erickson, 2010), feminismo materialista (cf. *Material Feminisms*, de Alaimo e Hekman), ou simplesmente ecocrítica feminista (por exemplo, Alaimo, 2000; ou Stein, 1997). Algumas feministas continuam a utilizar “ecofeminismo” na esperança de restaurar tanto o termo quanto a história crítica que ele representa. Todos esses pontos de vista ecológico-feministas compartilham uma abordagem interseccional que sedimenta natureza, gênero, raça, classe e sexualidade, ainda que nem todos referenciais tratem de espécies.

Em 2003, aponte para a conexão essencialista e sua problematização que levava para os estudos de Stacy Alaimo (2000) visando uma redefinição de conceitos gendrados que a cultura ainda hoje tem dificuldade de realizar. Mais recentemente, Alaimo (2017) fala sobre o contexto feminista que tem renegado a associação das mulheres com sua biologia, entendendo que não é a negação desse contexto que vai nos ensinar respostas adequadas ao problema.⁷ Naturalmente, o dossiê apenas propõe colaborar na problematização de questões de enfoque do ecofeminismo de uma forma aberta em conformidade com a compreensão bastante variada de pesquisadorxs no país e no exterior que se utilizam do conceito para uma leitura de textos literários. Falarei um pouco mais sobre isso adiante.

A interdisciplinaridade permeia o pensamento ecofeminista e esta é uma de suas maiores forças: sua “pluralidade filosófica” que amplia o debate teórico (Gaard e

⁶ Há vários artigos da pesquisadora que trata desse tema. Um deles é de 2013 e não está traduzido para o português. Faz parte do livro *International Perspectives in Feminist Ecocriticism*, organizado por Gaard, Estok e Opperman.

⁷ O trabalho de Alaimo é de 2010 e foi publicado em 2017 pela Revista *Estudos Feministas*. No mesmo número do periódico, publiquei um comentário sobre o artigo da pesquisadora, traduzido pela primeira vez para o português. Cf. referências completas ao final desta Apresentação.

Murphy 1998, 4). A conexão mulher-natureza fomenta a questão essencialista, mas nada é estático e, como tal, a dinâmica da problematização traz outros entendimentos na atualidade. Em posfácio que escrevi para o livro *Women and Nature: Beyond Dualism in Gender, Body, and Environment* (2018), organizado por Douglas Vakoch e Sam Mickey, aponte para o desgaste da relação natureza/ cultura/ homem/ mulher/ masculino/ feminino/ outro e para o fato de que não há uma solução fácil para o problema. A equação mulher-natureza é trabalhada por ecofeministas como Karla Armbruster (1998), Ynestra King (1997) ou Susan Griffin (1978), a partir de uma perspectiva que reivindica uma conexão mais liberadora. Todxs nós somos, segundo elas, mobilizados por forças culturais que nos podem cegar em função da nossa participação na natureza (Armbruster, 1998:100). A redefinição reivindicada por Stacy Alaimo (2000) implica uma redefinição de mulher (podemos dizer mulheres) e seu argumento, apoiado em Val Plumwood, Rose Braidotti e Donna Haraway, é que feministas (e ecofeministas) trabalhem uma compreensão da natureza a partir da transformação de conceitos gendrados como natureza, cultura, entre outros.

Assim, o entendimento que precisamos ter é de que tanto as mulheres quanto a natureza são “socialmente construídas” e que a natureza, “um reino profundamente gendrado”, é “um site de muitas lutas por poder e significado” (Alaimo, 2000, 13). Ao caminharmos por essa via, surge a necessidade de reaprendermos (ou reteceremos) determinados conceitos, buscando, em um processo dinâmico, reler a natureza, as mulheres e os humanos em geral, a vida não humana (mais-que-humana, no entendimento de Alaimo [2010]), bem como sua relação com o todo, ou como afirma Karen Ya-Chu Yang, “para as mulheres, como reconectar com a natureza permanece um desafio e prospecto”, na Introdução do livro de Vakoch e Mickey (2018), já referido.

Nesse sentido, entendo que a compreensão da complexidade do termo ecofeminismo precisa também considerar o apelo a valores essencialistas. Por isso, nunca é demais retomar Diana Fuss, em seu *Essentially Speaking* (1989), para quem a questão da essência, com sua base histórica, filosófica e política, aponta para o seu caráter de imutabilidade. Essa tem sido uma área de enorme e acalorado debate no feminismo e cujo fim ainda não está claro. O argumento de Fuss traz para o foco a contingência do uso do essencialismo, exatamente devido ao seu caráter histórico que abre possibilidades de mudanças – algo que o ecofeminismo poderia tratar como um retecimento conceitual – porque o signo não é nem estacionário nem uniforme, que dirá imutável. Como conceito, ele precisa de renovação, pois é um termo produtivo com o qual novas gerações de críticxs e ecocríticxs feministas terão que se confrontar. Vejo isso como uma longa jornada adiante.⁸

Em outro artigo de Gaard (2011) sobre o mesmo assunto, esclarecendo a necessidade de repensar o termo, ela aponta para um foco bastante importante desse

⁸ Apresentei esse argumento numa sessão plenária do XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura/ VII Seminário Internacional Mulher e Literatura, ocorrido em Caxias do Sul/RS, de September, 14-16, em 2015, juntamente com colegas organizadoras do livro *Traduções da cultura*, publicado dois anos depois do evento. O argumento também consta do posfácio ao livro de Vakoch e Mickey (2018)

debate a partir de Simon Estok, outro pesquisador da linha ecocrítica feminista, que explica a sua dificuldade com o uso do termo ecofeminista:

Quero tornar bem clara a minha posição: para mim, não é ecocrítica se também não for comprovadamente comprometido com o feminismo.... [assim] o uso que faço de “ecocrítica” é, de alguma forma, estratégico. Penso que ecocríticxs tradicionais (muitos dos homens e certamente algumas das mulheres) reagem fortemente contra o ecofeminismo simplesmente porque é feito majoritariamente por mulheres.... a maioria dos homens vê o ecofeminismo em seu melhor como periférico e em seu pior como uma ameaça (que significa que a maioria dos homens vê *as mulheres* como periféricas ou como uma ameaça). Talvez eu esteja errado, mas o sexismo cru em sua forma mais básica, se me perguntarem, é a primeira coisa por detrás do retrocesso (in Gaard 2011; 44, itálicos originais).⁹

Então, aqui podemos alinhar o uso de ecofeminismo de forma estratégica, semelhantemente ao essencialismo estratégico, em um modo contingencial de uso do termo. Por essa razão, apoio o uso intercambiado de ecocrítica feminista com ecofeminismo, entendendo o seu realinhamento de sentido para uma perspectiva que promova o afastamento do uso do termo apenas voltado para uma chamada “essência feminina” que, nos termos da contemporaneidade, não mais nos serve. Não se trata, por exemplo, de substituir um Deus patriarcal por uma Deusa matriarcal, e sim de entender o humano como parte integral de uma natureza que é muito maior do que todxs nós, humanos e não humanos, que, em terminologia mais afim com os dias atuais, é chamada por Alaimo (2010) de mais-que-humano, dada a sua inclusão. Somos todxs natureza e a natureza nos é. Existimos nela e ela em nós.

Feitos esses esclarecimentos, quero ainda apontar para algo bastante significativo em relação aos trabalhos submetidos ao dossiê. Entendi que há uma grande diversidade de compreensão relativa à perspectiva ecofeminista em suas intersecções. Mas o que mais ficou foi a necessidade de uma compreensão aberta a respeito do conceito. Se o ecofeminismo ainda precisa do contexto de oposição entre patriarcado e matriarcado, essa percepção pode ser vista como possível. Também pode ser vista como bastante ampliada diante do alcance teórico. Possivelmente, uma dificuldade pode estar localizada na falta de traduções atualizadas de material teórico mais recente acerca da questão, embora eu entenda que já haja um contingente bastante positivo de textos em português. Gaard afirma em relação ao termo que é preciso não descartar nada, muito menos o passado essencialista das ancestrais ecofeministas. Afinal, o caminho de mudança é construído a partir do passado.

No ano de 2011 (e para além dele, imagino), não há falta de assuntos de ecojustiça para interrogar, teorizar, organizar e transformar,

⁹ Tradução de minha responsabilidade, apenas para fins desta Apresentação.

usando as análises de um feminismo ecológico: justiça global de gênero, justiça climática; agricultura sustentável, habitação acessível e saudável; cuidados de saúde confiáveis e universais, particularmente cuidados de saúde maternal e da criança; tecnologias reprodutivas seguras, confiáveis e gratuitas ou de baixo custo; segurança alimentar; auto-determinação sexual, justiça ambiental, justiça interespecie; currículos educacionais ecológicos, diversos e inclusivos; liberdade religiosa livre de fundamentalismos; direitos indígenas; produção e descarte de resíduos perigosos; e mais. Uma abordagem interseccional feminista-ecológica moldam esses assuntos de tal forma que as pessoas podem reconhecer causas comuns ao longo das fronteiras de raça, classe, gênero, sexualidade, espécies, idade, habilidade, nação – e arcar com uma base para uma teoria, educação e ativismo engajados. Como nomearemos essa abordagem, de modo que gerações futuras de feministas possam encontrar sua história, suas ferramentas conceituais e estratégias ativistas, sua crítica do imperialismo econômico, cultural e colonialismo ecológico, opressão de gênero e de espécies?

Se deve haver um futuro para um “Novo Eco-feminismo”, terá que ser mais consciente de sua história rica e presciente. (Gaard, 2011:44)

E, fechando a questão, quero trazer a percepção bastante aberta de Loreley Garcia em estudo publicado aqui mesmo na Revista *Ártemis*, em 2009. O artigo “Ecofeminismo: Múltiplas Versões” faz uma panorâmica bastante esclarecedora sobre o termo. Afirma a pesquisadora:

Embora o ecofeminismo não signifique uma postura ou teoria, mas simplesmente um campo aberto e justo de indagação, pode subscrever, implícita ou explicitamente, a tese da interconexão. Tende a interpretar a interconexão individualisticamente ao invés de no sentido holístico, contudo: a natureza, da perspectiva ecofeminista, é uma comunidade de seres, relacionados como se fossem uma família, não obstante, distintos entre si. Somos estimulados a respeitar a alteridade, a individualidade distinta destes seres, ao invés de buscar fundir-se com eles em busca de uma unicidade indiferenciada. (Garcia, 2009:20)

Essa postura aberta é que precede a disposição dos artigos deste dossiê da Revista *Ártemis*, que passo agora a apresentar. A seleção realizada privilegiou artigos que problematizam questões ecocríticas feministas/ecofeministas em várias instâncias, conforme a proposta encampada pelxs autorxs. O seu amplo alcance inclui ainda leituras comparativistas e dos estudos culturais que têm na ecologia um campo de preocupação dxs autorxs. Cabe também observar que nem todas as abordagens são pela via teórica da crítica literária. Esse aspecto foi bastante relevante

de observar, uma vez que o campo literário não está fora do contexto do real, mas significativamente buscando expandir-se. Talvez hoje seja possível ver (compreender/sentir) com mais clareza que a literatura (ficção, poesia) tem sua base no real e mesmo quando inventa mundos outros como nas utopias (nos mundos separatistas também)/ distopias, esses mundos estão calcados naquele em que vivemos (ou não queremos viver). Cabe também observar que as escritoras são maioria na escolha dos artigos que formam o dossiê. Quatro autoras brasileiras: Eliane Potiguara, Marina Colasanti, Martha Batalha e Tania Jamardo Faillace. Do continente africano, há a poesia moçambicana de Sônia Sultuane e a narrativa em prosa da nigeriana Chimamanda Ngozie Adichie. A presença da América Latina vem com Isabel Allende e Laura Esquivel. Há também um contingente bastante significativo de autoras de língua inglesa da América do Norte: Alice Walker, Joanna Russ, Leslie Marmo Silko, Linda Hogan, Margaret Atwood, Marion Zimmer Bradley, Paula Gun Allen, Susan Power e Toni Morrison. Decidi por contemplar a seção Outros com uma narrativa política que não trata de literatura, mas conta uma história de ativismo, relevante para o contexto ecológico pela sua intersecção e pelo contexto de inclusão das trabalhadoras rurais. A distribuição dos artigos priorizou iniciar com as escritoras brasileiras e, na sequência, as africanas, seguidas pelas de língua inglesa. Um autor inglês, D. H. Lawrence, fecha as leituras críticas ecofeministas.

O artigo de abertura é de Edilane Ferreira da Silva, doutoranda em Estudos Literários pelo PPGLL/ UFAL. Intitulado “Mulheres, natureza mais-que-humana e movimentos transcorpóreos em contos de fadas de Marina Colasanti”, o artigo apresenta uma leitura sustentada pela ecocrítica feminista defendendo, em sua argumentação, que há violência correlata entre personagens femininas e a natureza mais-que-humana dos contos de fadas da autora **italo**-brasileira, e essa ação é executada por personagens masculinas associadas ao patriarcado. O ensaio também aponta para resistência contra essa forma de opressão, acionando com isso o entendimento conceitual da transcorporalidade, cujos movimentos podem ressignificar mulheres e natureza conceitualmente, a partir do entendimento já referido aqui da pesquisadora Stacy Alaimo (2000, 2017). A autora do artigo também aponta para o uso de um essencialismo estratégico próprio de Colasanti.

O segundo artigo é da professora doutora Marisa Corrêa Silva e de Renata Rocha, mestrandas em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, na Universidade Estadual de Maringá (UEM), e tem por título “Ecocrítica e Ecofeminismo: Uma leitura do conto ‘A porca’”, da autora gaúcha Tania Jamardo Faillace. No estudo, a autora aponta para a busca de compreensão dos sentidos produzidos pela representação do mundo físico natural, bem como do animal não humano *versus* a animal humana mulher. A partir da percepção já clássica sobre o contexto de estudos ecocríticos de Glotfelty e Fromm (1996) e também de Feldman (2015), a autora embasa sua leitura do conto, analisando o espaço físico natural presente na narrativa, para, em seguida, tratar das relações simbólicas construídas entre a porca e a mãe. A autora observa que esses elementos atuam como códigos de representação da humanidade, provenientes do dualismo antropocêntrico

humano-natureza, algo que segundo ela fomenta uma ideologia de crenças e práticas antiecológicas, além de autorizar uma lógica de dominação que passa pelo homem e pela a mulher, opressores e oprimidos, humanos e não humanos.

O terceiro artigo é do professor doutor Maximiliano Torres (Universidade Estadual do Rio de Janeiro [UERJ]): “Não era dor / o que sentia/ era abismo’: Cartografias de um eu em *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha”. O autor faz uso da teoria crítica feminista e do ecofeminismo para ler as assimetrias de gênero, legitimadas pela cultura sexista como adequadas e essenciais para a ordem vigente no romance da autora pernambucana. As questões relativas à ecologia são debatidas a partir dos contextos coercitivos e de opressão das mulheres e da natureza.

Raquel D’Elboux Nunes, doutoranda em Estudos Literários pelo PPGLL/UFAL, escreve “A ecocrítica feminista em *Purple Hibiscus* de Chimamanda Ngozi Adichie”, quarto artigo deste dossiê. O ensaio trata da autora nigeriana a partir da perspectiva da ecocrítica feminista em uma análise que aborda a integração entre os seres – humanos e mais-que-humanos –, considerando que a natureza não é um cenário, mas parte integrante dos eventos e sentimentos relacionados às personagens. A discussão sobre o romance também se apoia em questões dos estudos culturais para debater os problemas relativos à opressão e violência.

O quinto artigo do dossiê é do professor doutor Sávio Roberto de Freitas (UFPB): “Das naturezas que se movem pelo afeto na poesia de Sonia Sultuane”, sobre a poeta e artista plástica moçambicana. Trabalhando a ecologia pela via do erotismo, o autor escreve sobre o que entende como a voz poética no feminino que se relaciona com natureza na perspectiva sinalizada pelos estudos ecofeministas no livro *O colo da lua*.

O sexto artigo chama-se “O Ecofeminismo em *As Brumas de Avalon*”, escrito pelo professor doutor Émilien Vilas Boas Reis (da Escola Superior de Ensino Dom Helder Câmara, BH) e pela mestra em Direito Ambiental e advogada Vanessa Lemgruber. O estudo trata o romance da escritora estadunidense como ponto de partida para uma problematização de valores do patriarcado em oposição aos do matriarcado pela via do ecofeminismo clássico, entendendo a mulher não apenas vinculada à natureza, mas também como produtora de cultura.

Professora Alice Gabriel (Instituto Federal de Goiás/ IFG, Campus Águas Lindas), doutoranda em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB), autora do sétimo artigo, intitulado “Terras de homem nenhum: fabulações, lesbiandade e separatismos”, apresenta duas aventuras ecotópicas de separatismo lesbiano – uma no contexto ficcional da narrativa da norte-americana Joanna Russ, e outra corporificada na experiência concreta de mulheres, composta de terra, sementes e enxadas, na visão da pesquisadora e professora canadense Catriona Sandilands.

O oitavo artigo é do professor doutor Roland Walter (UFPE/CNPq) e intitula-se “Women Writing the Americas: Literature, Ecology, and Decolonization”. O ensaio trata de várias autoras das Américas – a maioria de língua inglesa – e discute questões de poder e da relação ecológica em várias instâncias narrativas. De abordagem teórica comparativa, interdisciplinar e interseccional, inserida numa

interface entre os Estudos Culturais/ Pós-Coloniais e a Ecocrítica, problematiza diversas questões: da identidade, etnicidade e gênero em relação à terra enquanto lugar e estilo de vida dentro do sistema capitalista.

O ecocrítico britânico, professor doutor Terry Gifford (Bath University/ Inglaterra e Universidade de Alicante/ Espanha) apresenta no nono artigo, intitulado “Uma Leitura Ecofeminista de Árvores, Jardins e do Orgânico em *Aaron’s Rod*”, uma análise do romance nomeado, considerado como “doutrinariamente antifeminista”, de D. H. Lawrence. O autor faz uma leitura dos jardins presentes na narrativa, que são locais associados a mulheres que testam a problemática consciência masculina de Aaron Sisson, o protagonista. A análise propõe, a partir do ecofeminismo, uma nova leitura do escritor inglês. O artigo foi traduzido impecavelmente por Letícia Nogueira Romariz Medeiros, mestranda em Estudos Literários na UFMG.

O último artigo, intitulado “Feminismo camponês e popular: a voz que vem do campo”, da professora doutora Isabelle M. C. V. Chehab (UFG) e da mestranda Giovana N. Carvalho (UFG), a rigor não trata das questões ecocríticas feministas ou ecofeministas pela via literária. O artigo, na verdade, pode ser localizado em relatos de ativismos que produtivamente tratam de questões da terra. Assim, o trato ecológico e feminista faz parte do artigo. Seu objetivo de analisar uma nova proposta teórico-prática do feminismo intitulada de Feminismo Camponês e Popular é de interesse e sua interseccionalidade mostra-se no contexto da inclusão de uma narrativa da vida real cujo alcance, aqui, serve para mostrar as interfaces e interconexões permitidas pela vivência ecológica.

Considero relevante, ainda, situar o alcance teórico dos artigos a partir de recorrências significativas que vão desde o início dos estudos acadêmicos à percepção feminista clássica (Virginia Woolf e Simone de Beauvoir) às indicações dos estudos iniciais das pesquisas ecocríticas e ecofeministas (Françoise D’Eaubonne e Cheryll Glotfelty & Harold Fromm) a estudos mais recentes da ecocrítica feminista e de outros norteamericanos ecocríticos feministas, que conjugam literatura e ecologia, bem como vertentes contemporâneas do pensamento feminista. Naturalmente o nome dos autorxs não é exaustivo (e nem poderia). Quero apenas destacar o alcance das reflexões de nossos colaboradorxs brasileiroxs e estrangeiroxs, que serve de indicativo do lugar do pensamento teórico no país nesse momento: Angélica Soares, Greta Gaard, Karen Warren, Karla Armbruster, Sherry Ortner, Stacy Alaimo, Val Plumwood, entre outros.

Para finalizar, quero expressar minha gratidão a todas as revisoras que colaboraram com a organização deste dossiê. Em especial quero agradecer à doutoranda Edilane Ferreira da Silva e às professoras doutoras Elaine Cristina Rapôso (Instituto Federal de Educação de Alagoas/ IFAL Marechal Deodoro) e Laurenny Lourenço (UFMG) que foram leitoras atentas e em permanente diálogo comigo durante a organização deste dossiê. E por último, quero desejar uma ótima leitura a todos que, aqui, neste espaço verde virtual, se aventurarem nas descobertas de um novo e fértil campo de trabalho para a crítica literária feminista.

Referências

ALAIMO, Stacy (2017). Feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 25(2): 909-934, maio-agosto.

ALAIMO, Stacy 2000. *The Undomesticated Ground - Recasting Nature as a Feminist Space*. Ithaca and London: Cornell UP.

ARMBRUSTER, Karla. 1998. "Buffalo Gals, Won't You Come Out Tonight?" A Call for Boundary-Crossing in Ecofeminist Literary Criticism. In GAARD, Greta and MURPHY, Patrick D. (eds.). *Ecofeminist Literary Criticism - Theory, Interpretation, Pedagogy*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1998, pp.97-122.

BRANDÃO, Izabel F. O. (2018). Afterword. In: VAKOCH, Douglas; MICKEY, Sam (orgs.). *Women and Nature? Beyond Dualism in Gender, Body, and Environment*. New York: Routledge, p.

BRAIDOTI, Rose. (1991). *Patterns of Dissonance: A Study of Women in Contemporary Philosophy*. New York: Routledge.

BRANDÃO, Izabel F. O. (2018). Afterword. In: VAKOCH, Douglas; MICKEY, Sam (orgs.). *Women and Nature: Beyond Dualismo in Gender, Body, and Environment*. New York: Routledge, p.

BRANDÃO, Izabel F. O. (2017). A propósito de "feminismos trans-corpóreos e o espaço ético da natureza", de Stacy Alaimo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 25(2): 961-974, maio-agosto.

BRANDÃO, Izabel F. O. (2003). "Ecofeminismo e Literatura: novas fronteiras críticas". In: _____; MUZART, Zahidé (Orgs.). *Refazendo nós - ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis, Santa Cruz do Sul: Mulheres, p.461-473.

CUNHA, Helena Parente. (2013). *Impregnações na floresta: poemas amazônicos*. Florianópolis: Mulheres.

FUSS, Diana. (1989). *Essentially Speaking. Feminism, Nature & Difference*. New York.

GARCIA, Loreley. (2009). Ecofeminismo: Múltiplas Versões. *Revista Ártemis*, Vol. 10, Jun, p. 96-118.

GAARD, Greta. (2017). "Novos rumos para o ecofeminismo: em busca de uma ecocrítica mais feminista". Tradução Izabel Brandão e Marina Verçosa de Andrade.

In: BRANDÃO, Izabel et al. (orgs.). (2017). *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas*. Florianópolis e Maceió: Mulheres, Edufsc e Edufal, p.783-818.

GAARD, Greta. (2011). Ecofeminism Revisited: Rejecting Essentialism and Re-Placing Species in a Material Feminist Environmentalism. *Feminist Formations*. Vol. 23 No. 2 (Summer) pp. 26-53. 2010, 2017

GAARD, Greta; MURPHY, Patrick (orgs.). (1998). *Ecofeminist Literary Criticism - Theory, Interpretation, Pedagogy*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press.

GAARD, Greta; Stock, Simon C.; Oppermann, Serpill (orgs.). (2013). *International Perspectives in Feminist Ecocriticism*. New York and London: Routledge.

GLOTFELTY, Cheryll and FROMM, Harold (orgs.).(1996). *The Ecocriticism Reader - Landmarks in Literary Ecology*. Athens and London: The University of Georgia Press.

GRIFFIN, Susan. (1978). *Woman and Nature: The Roaring Inside Her*. New York: Harper & Row.

HARAWAY, Donna. (1991). *Simians, Cyborgs, and Women – the Reivention of Nature*. New York: Routledge.

KING, Ynestra. (1997). Curando as feridas: feminismo, ecologia e dualismo natureza/cultura. In JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan. *Gênero, corpo, conhecimento*. Trad. Britta lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p.126-156.

KAUR, Rupī. *Outros jeitos de usar a boca*. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2017.

PLUMWOOD, Val. (1993). *Feminism and the Mastery of Nature*. London: Routledge.

RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana, RAMOS, Tânia R. O. (Orgs.) *Problemas de gênero*.

RUECKERT, William. (1996). Literature and Ecology: an Experiment in Ecocriticism. In GLOTFELTY, Cheryll and FROMM, Harold (eds.). *The Ecocriticism Reader - Landmarks in Literary Ecology*. Athens and London: The University of Georgia Press, , p.124-136.

MIES, Maria e SHIVA, Vandana. (1997). *Ecofeminismo*. Lisboa: Instituto Piaget [1993], Trad. Fernando Dias Antunes.

YANG, Karen Ya-Chu. (2018). Introduction. In: VAKOCH, Douglas; MICKEY, Sam (orgs.). *Women and Nature: Beyond Dualismo in Gender, Body, and Environment*. New York: Routledge, p.